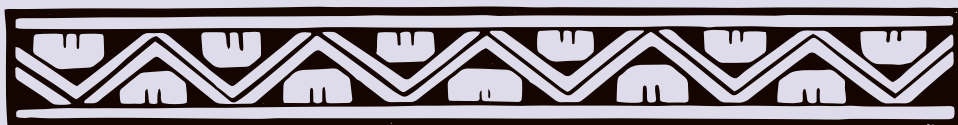


Dossiê temático: depoimentos



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 36, N. 1, JAN.–DEZ. 2025
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

I. Reflections on UFRJ — SARC mobility scholarship

*Rob Bentall*¹

In June-September 2012, I travelled to Brazil to work with Prof. Rodrigo Cicchelli at UFRJ, as part of a Mobility Scholarship programme during my Doctoral studies at sarc, Queen's University Belfast. It was sarc staff member Prof. Pedro Rebelo who initially suggested I get in touch with Rodrigo to talk about working with him — Pedro thought that Rodrigo's ideas would be a good fit for the electroacoustic composition focus of my PhD. It can be a little difficult to express just how significant working with Rodrigo was on my compositional outlook — the way we spent our tutorials considering various electroacoustic principles really reshaped my musical thinking. One of the things to note is that Rodrigo travelled into the music department every Monday to conduct my tutorial, despite there being a huge national strike across the public sector in Brazil, closing most of the university sector. It made things a little strange — there was no academic community to observe, as such — the department was deathly quiet and I actually couldn't get in to the studio on other days of the week. However, Rodrigo's willingness to teach me anyway turned what could have been quite a bad study abroad programme into something very meaningful.

343

I remember how much time Rodrigo spent with me doing a deep dive into the work of Pierre Schaeffer. Despite Schaeffer's huge influence on the discipline, I'd barely listened to his music, or read his work. I remember us reading translated sections of Schaeffer's *Traité des objets musicaux* (1966) together, and discussing Schaeffer's notions of timbre and texture, how he

¹ Leeds Conservatoire (Reino Unido).

was the first to really focus on these as the primary musical parameters that we focus on in contemporary electroacoustics. We looked at his section on *Weft and Weight*, in which he conceives of musical textures as a kind of physical fabric. I began to consider how these ideas could inhabit my own music, and then wrote a piece called *Internal shades* (2012),² an 8-channel piece that tried to bring Schaeffer's ideas, via Rodrigo's tutelage, into a new composition. I listen back to this piece fondly, and I can hear how I'm really trying to bring Schaeffer into this piece — the transitions are quite blocky and unsubtle, moving between drastically different tone colours with frequency, which I think of as very Schaefferian, and very unlike any of my previous music. I also remember Rodrigo really trying to get me to properly consider these theoretical concepts; this was so important as I hadn't been challenged on my way of thinking so much until that point — it was clear I was being taught by a proper academic. We also discussed Smalley's approaches to spectromorphology and examined practical applications of these theories in a studio setting.

344

The other work I composed in Brazil, titled *Urca twist* (2012), is OK, but the work didn't really achieve anything — it wasn't really research, as it just sounded like all my previous pieces. There are big dynamic gestures, and swathes of quite heavily abstracted musical materials that give little away as to the musical sources they are derived from. The piece is also 20 minutes long, which is too long given the amount of interest the material warrants. I wasn't very happy with this piece and it didn't go into my final PhD portfolio. However, *Internal Shades* really was a piece of research — I found out how I might apply Schaefferian theory into my own music. Also, with Rodrigo's supervision, it became my first 8-channel piece. The studio in the UFRJ may not have been anywhere near as well equipped as the studios in SARC (surprise, surprise) but Rodrigo set up a small 8-channel system for us to work with. I developed a somewhat pointillistic approach to surround spatialisation, treating each loudspeaker like a mono voice rather than thinking of them in stereo pairs. This harked back to the spatial

² Available in stereo reduction on my bandcamp at <https://robbentall.bandcamp.com/track/internal-shades>.

work of Varèse, as opposed to the more modern approach to surround composition, and became a hallmark of other surround-sound works in my doctoral portfolio, such as *Summer anthem* — a 6-channel surround piece that sort of simulated a mandolin sextet immersing the listener. The notion of conceiving of the loudspeakers as a sort of acoustic ensemble appealed to me at the time.

It was great to also be able to play a concert near the end of my time studying in Rio. Dr. Bryan Holmes put on a concert at UNIRIO in August where I presented some of my works, and it has been nice to know that my works have been presented in Brazil at various points since I returned to the UK. I also presented a paper, even though I couldn't really get through too much of it in Portuguese. My time in Rio was quite challenging personally — the national strike in 2012, during my study period, meant that I could only access the studio on Mondays, forcing me to work on headphones in a small flat for the rest of the week, with a landlady who wasn't very happy about me working from home so much (this was well before the coronavirus pandemic — that idea is so normalised now!). Despite that, I look back fondly on the time I spent studying at UFRJ — Prof. Cicchelli's continuous challenges to the way I thought about electroacoustics during our time together, forcing me to look back to the discipline's origins with Schaeffer, helped me move forward with my own artistic research. Also a huge thanks to Orlando Scarpa Neto, who made me feel really welcome during my time in Rio and contributed to some excellent musical discussions at the time.

345

April 2025.



2. Minha experiência no LaMuT

Cláudio Bezz³

É com alegria que compartilho meu depoimento em comemoração aos 30 anos do LaMuT, refletindo minha trajetória como ex-aluno da Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Composição na UFRJ, e também como professor substituto no Departamento de Composição entre 2023 e 2024. Durante esse período, atuei na coordenação do LaMuT ao lado do professor Rodrigo Cicchelli, promovendo atividades de extensão, eventos, palestras e concertos, com foco na música eletroacústica.

346 Minha relação com o LaMuT começou ainda na Graduação e intensificou-se durante a Pós-Graduação, sob orientação do professor Rodrigo Cicchelli. Também tive a sorte de trabalhar com o professor Rodolfo Caesar, um dos fundadores do laboratório, que me acolheu durante o estágio docente em 2017, quando lecionei a disciplina Tecnologia Musical. A partir dessa vivência, participei de diversos concertos, encontros acadêmicos e trocas com compositores e docentes, tanto na antiga sala do prédio 1 da Escola de Música quanto na atual sede na sala 2101 da torre leste do Ed. Ventura.

Como docente, ministrei várias disciplinas da grade de “Eletroacústicas” na Graduação entre 2023-1 e 2024-2, utilizando os equipamentos do LaMuT, como *mixers*, microfones, sintetizadores e sistemas de som estéreo e quadrifônico. Essas aulas permitiram uma interação intensa com os estudantes, e observei como o laboratório se tornou um espaço de engajamento teórico e prático para alunos de diversas áreas da música e até de outras faculdades da UFRJ, como História da Arte, Dança e Paisagismo.

O LaMuT foi essencial na minha formação acadêmica e profissional, tanto pelo acesso contínuo à tecnologia e à bibliografia crítica, quanto

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

pelos encontros com compositores e pesquisadores. Essa vivência moldou quem sou hoje e certamente contribuiu também para a formação de outros discentes ao longo dessas três décadas. No entanto, é importante ressaltar um ponto preocupante: a sala do LaMuT situada no Prédio I da Escola de Música está atualmente desativada e em estado de deterioração, servindo como almoxarifado. Isso reflete a falta de investimento e cuidado com o patrimônio da Universidade, que abriga um legado importante da música eletroacústica brasileira.

Durante meu período de co-coordenação do laboratório, no biênio 2023/2024, realizamos eventos marcantes como a I e II Maratonas de Música Eletroacústica (MaMusE), palestras e concertos com o compositor português Jaime Reis, o II Simpósio Ibero-Americano de Clarinete Baixo e o xxxi Panorama de Música Brasileira Atual. Esses eventos destacaram obras acusmáticas, mistas e audiovisuais, e foram utilizados sistemas de difusão sonora do acervo do LaMuT.

Ao longo dos últimos 15 anos, minha interlocução com o LaMuT, como aluno e professor, foi constante e profunda. Desejo que o laboratório receba mais incentivos e reconhecimento, pois ele é um espaço vital para a inovação e preservação dos estudos em música contemporânea.

347

Abril de 2025.



3. *Concreto armado* de Neder Nassaro: minha experiência no LaMuT

*Doriana Mendes*⁴

348

Falar sobre minha experiência com o LaMuT remonta voltar vinte e cinco anos atrás, precisamente ao ano 2000, época da elaboração da obra *Concreto armado* de Neder Nassaro, parte do processo criativo de seu Mestrado, sob orientação de Rodrigo Cicchelli. Tratou-se da captação de minha voz falada e cantada, a partir de um roteiro prévio feito por Nassaro. Adentrar no espaço do LaMuT significava transpor uma mínima porta ao lado esquerdo do palco do auditório Henrique Oswald, localizado no último andar do prédio da Escola de Música da UFRJ. Quase como uma experiência mágica de entrar no “buraco da árvore de Alice”. Ao abrir a porta, descíamos alguns degraus de escada e aí já estávamos no laboratório: um retângulo de chão entre duas bancadas de equipamentos e aparelhagens, conectados por um emaranhado de fios.

Não se tratava de um ambiente de estúdio propriamente, com uma sala de gravação separada por vidro. Essa condição era, a meu ver, um singular convite à experimentação de um verdadeiro laboratório. Pelo menos foi essa a minha sensação ao ser convidada a colaborar vocalmente com a criação de Nassaro, obra inspirada em texto de três poetas concretistas. Nassaro construiu um roteiro minucioso com as solicitações de gestos vocais, contando com vocalizações cotidianas como suspiros, gemidos, correntes ingressivas e egressivas de ar, chamados e gritos, além de blocos de notas emitidas individualmente para gerar, posteriormente, acordes e emissões de linhas melódicas em vocalises. Interessante mencionar que

⁴ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

até aquele momento, eu jamais tinha ouvido a voz de Cathy Berberian em obras de Luciano Berio como *Visage* ou *Omaggio a Joyce*.

Orgulho-me em revelar isto porque naquelas improvisações no LaMuT eu estava atendendo aos comandos de Nassaro, partindo de minha experiência prévia com o teatro contemporâneo (mais precisamente, a dança-teatro) e, obviamente, minha vivência com ensaios e performances de obras de Jocy de Oliveira e Vânia Dantas Leite, compositoras com as quais comecei a trabalhar em 1997. Nos módulos de improviso contidos em partituras como *Ofélia presa nas cordas de um piano* e *Morte de Desdêmona*, ambas de Jocy, experimentei esse convite à expressão de linhas gestuais, a partir de vogais ou consoantes deslocadas de suas palavras originais. Esperava-se sim, um discurso ou fraseado musical tendo como impulso gerador a emoção do personagem, expressos porém, em fragmentos textuais não-semânticos.

Encarar os textos de Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Hélio Pellegrino escolhidos por Nassaro — como narradora e cantora — visando uma desconstrução da palavra em *Concreto armado*, foi um instigante e inspirador desafio vivido no LaMuT. Contribuir com a qualidade e singularidade sonora da obra ao emitir esses gestos vocais foi um grande orgulho pra mim, tratando-se de uma obra eletrovocal com processamento em tempo real. Registro aqui o reconhecimento de um crítico, que declarou ter se lembrado de *A-Ronne* de Berio, ao assistir *Concreto armado* apresentada na XIV Bienal de Música Brasileira Contemporânea, em 2001.

349

Mai de 2025.



4. O LaMuT e minha eterna intoxicação com ares de outro planeta

*Rafael Valle*⁵

350 **M**inha admiração pelo LaMuT surgiu enquanto cursava o Bacharelado em Regência Orquestral na Escola de Música da UFRJ. Naquela época, para mim, o LaMuT representava um laboratório em que as fronteiras da música brasileira contemporânea eram desenvolvidas, exploradas e transgredidas. Um “antro” cujos intérpretes, compositores e pesquisadores mantinham-se *intoxicados com ares de outro planeta*, e cujas obras carregavam títulos estranhos como *15º Harmônico*, *Cubos*, *Mosaico*, e eram executadas com mecanismos inusitados, incluindo microfones, supercolisores de partículas, dados puros, e concreto: toda uma *παροφέρνη* extremamente contrastante com as aulas de contraponto e harmonia da mesma instituição.

Eventualmente, a guitarra elétrica falou mais alto, e iniciei minha interação com LaMuT — primeiramente como aluno nas classes do querido Prof. Rodrigo Cicchelli, posteriormente como pesquisador em nosso projeto de pesquisa “Referenciais Teóricos da Música Eletroacústica Brasileira Contemporânea”, em colaboração com os compositores e pesquisadores Paulo Dantas, Gustavo Lyra, Gustavo Campos Guerreiro, e sob a orientação do compositor ocupante da Cadeira nº 17 da ABM.

Minha intoxicação durante meu tempo no LaMuT e sob a influência e suporte do caríssimo Rodrigo foi tamanha que abandonei a Regência Orquestral e resolvi cursar o Mestrado em composição e Computer Music com o querido Marco Stroppa na Universidade Estadual de Música e Artes

⁵ Meta Platforms (Califórnia, EUA).

Cênicas de Stuttgart, e posteriormente o doutorado em Machine Listening and Improvisation na Universidade da Califórnia em Berkeley, primeiramente com o saudoso David Wessel e o incrível Adrian Freed, cuja amizade ainda mantenho.

Duas décadas depois da minha primeira intoxicação com ares de outro mundo, minha trajetória científica silenciosamente me redirecionava ao LaMuT. Entre 2020 e 2025, representei um grupo de pesquisa na NVIDIA especializado em Audio General Intelligence. Durante a nossa pesquisa, observei e comentei com o amigo Rodrigo sobre a discrepância significativa entre a fronteira da Ciência da Computação — que avança na compreensão e geração de som por meio da IA — e a fronteira das Artes, refletida pelas inovações e pelo raciocínio dos músicos de vanguarda.

Vis-à-vis essa lacuna entre as fronteiras da ciência da computação e as artes, nós iniciamos um grupo de pesquisa entre a NVIDIA e o LaMuT para desenvolver e executar um plano para alinhar os modelos de compreensão e geração de som com o raciocínio utilizado por músicos de vanguarda. Este novo projeto guarda uma semelhança quase cômica com o passado: o LaMuT segue ocupando uma fronteira musical radicalmente distinta daquela dos modelos de IA — que ainda parecem presos às antigas aulas de contraponto e harmonia. Meu desejo é que nossa colaboração seja, à sua maneira, messiaên-ica: que inspire um redirecionamento do pensar musical na inteligência artificial, focando não na substituição da criatividade, mas na invenção de um instrumento para a imaginação — sintonizado com a vanguarda musical.

351

Maior de 2025.



5. Estive lá: um breve depoimento sobre os meus anos no LaMuT

*Marcelo Carneiro de Lima*⁶

Não tenho o hábito de escrever em primeira pessoa, porém, nestas linhas não tive outra opção, pois apresento um depoimento breve sobre a minha passagem por um lugar que moldou boa parte do meu presente: o Laboratório de Música e Tecnologia da Escola de Música da UFRJ, o LaMuT.

352

Em 1995 me graduei em guitarra-elétrica no extinto curso de música da Universidade Estácio de Sá. Apesar de longe da tradição da Escola de Música da UFRJ e da história fantástica do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, a minha formação me colocou em contato com a música contemporânea em muitas de suas práticas e estilos. Foi lá que conheci o *Pierrot lunaire* de Schönberg, Hermeto Pascoal, Anton Webern, Pierre Boulez, dentre outros figurões das músicas modernas e contemporâneas ocidentais. Foi lá que conheci Aloysio Neves e onde comecei a me profissionalizar em um estilo musical da vanguarda da improvisação: a Música Livre. 1995 foi um ano marcante: meu primeiro filho nasceu, consegui o meu primeiro emprego e foi o ano em que ganhei de Guilherme Bauer, meu professor de composição, o CD *Estúdio da Glória da Rio Arte Digital*. Este foi um dos dois CDs de música eletroacústica lançados pelo selo da Prefeitura do Rio. Fui tragado por aquele disco, pelas suas músicas.

Pouco tempo depois, visitando uma exposição na Casa de Ciência e Cultura da UFRJ, topei com um dos compositores que configuravam no disco: Rodolfo Caesar. Ousei, como um fã, lhe perguntar se havia algum lugar, além das universidades, onde poderia aprender a fazer música eletroacústica. Não tinha. No final de 1999 arrisquei e fiz a prova de

⁶ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ. Rodolfo Caesar e Rodrigo Cicchelli me entrevistaram. Fui aceito e Rodolfo começou a me orientar. Meu curso ocorreu, na maior parte, no LaMuT. No mesmo ano entraram Daniel Quaranta e Marcelo Conduru. Lá já estava Neder Nassaro em seu segundo ano; no ano seguinte chegou Alexandre Fenerich. São amigos com os quais, na grande maioria, trabalho até hoje. Rodolfo e Rodrigo foram pacientes e eu me esforcei para aprender o que podia.

Foi no LaMuT, por intermédio do Rodolfo, que comecei a mexer no *Csound*; com Rodrigo fui iniciado em *Patch Work*. Foi no LaMuT que ouvi o repertório mais significativo do gênero e onde entrei em contato com a sua vasta bibliografia. Eu não tinha computador. Nós mestrandos nos revezávamos para trabalhar no Laboratório. Um dos meus horários era sábado à tarde. Ficava praticamente sozinho no último andar do prédio da Escola de Música: era ótimo e assustador ao mesmo tempo. Pouco antes da minha defesa em 2002, aquela turma do mestrado produziu no LaMuT o primeiro CD de música eletroacústica para selo da UFRJ.

353

Hoje atuo como professor do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, dedicando a maior parte do tempo para o ensino da música eletroacústica. Como compositor, a música eletroacústica é a minha prioridade. No DNA da minha carreira está o LaMusT, vivo e forte.

Setembro de 2025.



6. O impacto do LaMuT em minha vida

*Paulo Dantas*⁷

354

O impacto de frequentar o LaMuT em minha vida foi imenso. Foi ali que, sob a orientação sempre presente e generosa do professor Rodrigo Cicchelli, dei meus primeiros passos no estudo de recursos tecnológicos aplicados à música e à composição: programação em linguagens como Max-MSP e *Patch Work*; síntese sonora (com os incríveis sintetizadores ARP e DX7 disponíveis no estúdio); gravação, edição, mixagem de áudio; e, claro, carregar e descarregar equipamentos — caixas de som, sintetizadores, mixers, cabos e computadores —, talvez uma das tarefas mais fundamentais. Tudo isso vivido ao lado de meus incríveis colegas da Ofelex, grupo para o qual compus meu primeiro trabalho, *o=6*, e com quem pude improvisar, tocar nossas criações, conversar entre (algumas) cervejas e participar de uma edição da Bienal de Música Contemporânea Brasileira. Além disso, aprofundei meu conhecimento sobre obras marcantes de um repertório que já admirava, mas que só pude praticar de fato no LaMuT — como *In C*, de Terry Riley; *Music for pieces of wood*, de Steve Reich; e *Living room music*, de John Cage, estas duas últimas já na segunda fase da Oficina.

Foi também no LaMuT que tive meu primeiro contato com a pós-graduação: inicialmente, acompanhando de longe as pesquisas de mestrado de colegas como Alexandre Fenerich, Marcelo Carneiro e Daniel Puig; posteriormente, desenvolvendo minha própria investigação acadêmica com foco em Composição e Análise Musical, durante a qual conheci figuras como Rodolfo Caesar, Denise Garcia e Janete El Haouli. Estas foram decisivas para minhas primeiras incursões na gravação de campo, tema ao

⁷ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

qual dedico boa parte de minha pesquisa atual. Ali dei ainda os primeiros passos como professor — primeiro como estagiário durante o mestrado e, mais tarde, como professor substituto da Escola de Música da UFRJ, integrando grupos de pesquisa coordenados pelo Rodrigo. Todas essas vivências, somadas à minha rotina no Plano B-Lapa e à participação no Coro de Câmara da Pró-Arte, formaram o caldo cultural que me trouxe até aqui, sem exageros. O LaMuT foi, verdadeiramente, uma escola dentro da escola.

Setembro de 2025.



7. Memórias sobre a vivência educativa e criativa no LaMuT

*Daniel Quaranta*⁸

Este texto não aspira ao rigor acadêmico, não tem bibliografia nem citações. É, antes, um murmúrio de memórias entre trechos de partituras, CDs, músicas, concertos e lembranças, em meio a muitos fios soltos que me convocam a celebrar os 30 anos do Laboratório de Música e Tecnologia da UFRJ (LaMuT), onde vivi meu mestrado entre os anos 2000 e 2002

⁸ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

e convivi com muitos amigos, professores e colegas. Naquela época, eu era pianista e, de certa forma, compositor, concluindo a Graduação na UNIRIO quando fui convidado para um evento no Planetário do Rio de Janeiro pela professora Vania Dantas Leite, que então dirigia o Laboratório de Música e Tecnologia do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, onde eu estudava. Naquele evento, a Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica (SBME), sob a organização de Rodolfo Caesar e Rodrigo Cicchelli, apresentaram obras que definitivamente mudaram o rumo da minha carreira. Não recorro programas ou cronogramas de palestras, apenas um certo susto luminoso diante de sons que me fizeram trocar as teclas do piano por algoritmos, o som como matéria, o espaço como conceito, o computador como instrumento e o estúdio como lugar de pertencimento.

356

O LaMuT era onde eu queria estudar e, sobretudo, Rodrigo e Rodolfo eram os professores com os quais eu desejava compartilhar minhas inquietações. Afinal, a UFRJ, com a chegada deles, respirava futuro: música e tecnologia entrelaçavam-se em palestras que, aos meus olhos, pareciam profecias do rumo que a arte deveria seguir. Definitivamente, eu precisava ingressar no Mestrado. Escolhi trabalhar sob a orientação de Rodrigo. A prova de seleção era um ritual de passagem quase medieval: quatro horas de exercícios sob o sol de dezembro, análise, composição (seis horas de prova), entrevista e uma prova teórica verdadeiramente árdua. Sobrevivi! Conquistei uma das raras bolsas e, assim, passei a habitar o LaMuT — um cubículo no último andar do prédio histórico da Escola de Música, entulhado de cabos, sintetizadores, computadores, caixas de som, uma biblioteca com livros e CDs e a promessa de um horizonte criativo totalmente novo para mim. Rodolfo e Rodrigo ministravam aulas de composição, análise, escuta e composição assistida por computador (CAC). Usávamos um programa que já não existe: o *PatchWork*, do qual Rodrigo era especialista. Havia aulas de *CSound*, linguagem que Rodolfo dominava com maestria, e *Max/MSP*, ainda em sua versão MIDI. As aulas de análise com Rodrigo exploravam um repertório que a graduação sequer havia mencionado. Era fascinante. Sim, falo de outra era... Rodrigo, recém-chegado da

Europa, trazia informações abundantes, partituras, bibliografias e um rigor singular. Seu plano de aulas era meticuloso, com materiais para composição como eu nunca havia conhecido.

Eram também tempos de descobertas coletivas. No mesmo corredor e no estúdio, compartilhei cafés, experiências, aulas e certa angústia diante do desafio de escrever uma dissertação ao lado de amigos como Alexandre Fenerich, Marcelo Carneiro, Marcelo Conduru e Neder Nassaro — colegas que, anos depois, se tornariam referências em outras salas de aula. Hoje, Alexandre, Marcelo e eu somos professores na UNIRIO, integrando o mesmo Departamento de Composição e Regência, além do Programa de Pós-Graduação. De alguma forma, mantemos viva aquela chama inicial vivenciado no LaMuT, hoje no contexto do Estúdio Vania Dantas Leite, nome que evoca outra memória, a da nossa querida professora e amiga. Lembro que, graças ao incentivo e apoio de Rodrigo, Neder Nassaro e eu — ambos seus orientandos — viajamos pela primeira vez à Europa para uma residência formativa nos estúdios do Museu Reina Sofía, onde participamos de um curso de verão. Foi lá que conheci grandes amigos, o que depois multiplicou oportunidades de novos convites, concertos, residências artísticas e viagens.

357

Naquela época, o LaMuT não era apenas um laboratório: era um espaço multi-função, quase improvisado — não exatamente um estúdio, mas que se tornou um pela forma como era usado e, sobretudo, pela convivência entre colegas e professores que passavam horas compondo incluindo os fins de semana. Era um lugar de trocas entre professores e alunos, cheio de potência. Lembro que havia um propósito implícito claro: construir uma cena para esse tipo de música que, para muitos de nós, era ao mesmo tempo uma novidade e uma projeção do futuro. Organizamos concertos, carregamos caixas, aprendemos a montar e desmontar equipamentos. Em cada defesa de teses participávamos todos da montagem e desmontagem das parafernálias necessárias para os concertos. Havia um clima de colaboração muito positivo. Hoje, ao revisitar essas memórias, percebo o quanto a convivência no LaMuT me ensinou. Esses anos de formação ainda ecoam

no trabalho que realizamos como professores, e por isso foram um passo fundamental em minha trajetória. Minha passagem pelo LaMuT e pela UFRJ redirecionou meu destino para um caminho que considero profundamente positivo. Além disso, ter trabalhado com Rodolfo e Rodrigo ofereceu-me duas visões de mundo distintas, porém complementares. Posso afirmar, sem dúvida: não seria o mesmo profissional se não tivesse vivido tudo aquilo. Após 2002, não voltei ao LaMuT — pelo menos não fisicamente —, mas guardo na memória esses anos de formação. Sou grato a Rodrigo por sua orientação tão eficiente e a Rodolfo por ter sido seu aluno. Continuamos nesse caminho, agora como parte da história desse espaço que acumula conquistas tanto concretas, quanto simbólicas. O LaMuT que guardo em minha memória pertence a outro tempo, e hoje, sem dúvida, se reinventa diante de novos desafios rumo ao futuro. Longa vida ao LaMut. A gratidão é toda minha.

Maio de 2025



ROB BENTALL

Working primarily in the field of electroacoustic music, his works — performed throughout Europe as well as in North and South America — integrate elements of ambient, folk, dance, improvised, and experimental music. His research interests include electronic music composition, genre theory, multichannel techniques, sound diffusion performance practice, and the history of electronic music. He earned a BMus from the University of Manchester, followed by an MMus from the University of Sheffield, and completed a PhD at the Sonic Arts Research Centre (Queen’s University Belfast), where his doctoral research focused on genre hybridisation in electroacoustic music composition. In 2012, he received a Santander Mobility Scholarship to undertake musical research at the Federal University of Rio de Janeiro, Brazil. He has held artist residencies at the Electronic Music Studios, Stockholm (2013) and the Visby International Composers Centre, Gotland (2014), and was a finalist for both the 2013 Franz Liszt Composition Prize in Weimar, Germany, and the 2014 Oxford/Sennheiser Electronic Music Prize. From 2015 to 2017, Rob served as a Sound and Music International Embedded Composer-in-Residence with CMMAS Mexico and the Sound.Music Image Research Centre at the University of Huddersfield. E-mail: R.Bentall@lcm.ac.uk.

CLÁUDIO BEZZ

Pesquisador de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, Doutor e Mestre em Música pela mesma universidade (2023, 2017), com Licenciatura em Música (AVM-UCM, 2014) e Graduação em Música (Violão) (UNESA-RJ, 1992). Professor concursado no Estado do Rio de Janeiro (ARTES-SEEDUC/RJ), é membro do Grupo de Pesquisa “Oficina de Música Contemporânea” do PPGM-UFRJ. Publicou artigos e resumos científicos no Brasil e no exterior (ANPPOM, *Jisma*, *Organised Sound*) e recebeu a indicação do PPGM-UFRJ ao “Prêmio CAPES de Teses” em 2024. Como compositor, arranjador e instrumentista, teve participação em quase 290 fonogramas registrados (ISRC). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5171-958X>. E-mail: claudiobezz@gmail.com. Portfólio artístico: <https://claudiobezz.bandcamp.com/album/bezz-experience>.

359

DORIANA MENDES

Cantora, atriz-bailarina. Doutora e Mestre em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), instituição onde também graduou-se em canto e da qual é Professora desde 2013. Tem realizado inúmeras estreias mundiais como solista convidada de festivais nacionais e internacionais, integrando também elencos de óperas, musicais, peças de teatro e de dança. Apresentou-se na Alemanha, França, Irlanda, Portugal, Chile, Bolívia, Argentina, México e em todos os Estados do Brasil, na tournée Sonora Brasil-SESC (2011/12). Fez sua estreia internacional no Teatro de Darmstadt (Alemanha) cantando uma ópera de Jocy de Oliveira, e em 2019 estreou a ópera multimídia *Helena y su ventríloquo* de Daniel Quaranta no Festival MUSLAB (México) e no XV Festival “Visio-

nes Sonoras em Morelia” (México). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5107-9156>.
E-mail: dorianamendes@gmail.com.

RAFAEL VALLE

Proeminente cientista brasileiro com contribuições significativas para o campo da inteligência artificial generativa, obteve os títulos de Bacharel em Regência Orquestral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Música Computacional pela Hochschule für Musik und Darstellende Kunst de Stuttgart, Alemanha, e Doutor em Ciência da Computação pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Com pesquisa focada em audição de máquina e improvisação computacional, tornou-se pesquisador da Meta em 2025, quando passou a integrar um laboratório de elite focado em atingir a superinteligência artificial (ASI), desenvolvendo sistemas multimodais avançados que convergem texto, áudio e imagem. Antes de ingressar na Meta, foi Gerente e Cientista Sênior de Pesquisa na NVIDIA (equipe ADLR), onde desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de tecnologias de áudio generativo de ponta, notavelmente como o cientista líder por trás do modelo *Fugatto*. Sua experiência abrange *deep learning* aplicado, processamento de sinais de áudio e a busca por sistemas de IA que superem as capacidades humanas. E-mail: rafaelvalle@berkeley.edu.

360

MARCELO CARNEIRO DE LIMA

Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em Composição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO, do qual é Diretor. Integrante do grupo de compositores Prelúdio 21 e do Ensemble Jocy de Oliveira, obteve Menção Honrosa no PRIX CIME 2021 e o segundo prêmio do Concurso de Composição de Bourges, em 2015. Organizador, junto a Daniel Quaranta, do livro *Perspectivas actuales en la creación y el análisis de la música electroacústica* (Buenos Aires, 2021). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8958-5978>.
E-mail: marcelo.lima@unirio.br.

PAULO DANTAS

Bacharel em Composição e Mestre em Música (Composição) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é doutorando no programa docARTES (Orpheus Instituut de Ghent, Bélgica). Atuou como Professor Substituto do Departamento de Composição da Escola de Música da UFRJ nos anos de 2008 e 2009, integra atualmente o corpo docente do Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como Professor Assistente do Setor de Análise Musical. Músico e artista sonoro, professor e técnico de som, em sua produção artística recente tem se dedicado a promover diálogos entre música, fonografia, *sound design* e outras formas de arte, por meio de usos especulativos de diferentes dispositivos de gravação, sintetizadores, textos e outros objetos. E-mail: paulorsdantas@edu.unirio.br.

DANIEL QUARANTA

Nascido na Argentina e residente no Brasil desde 1995, onde obteve os títulos de Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Bacharel em Composição pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Titular do Departamento de Composição e Regência e docente do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, onde atua no âmbito da música atual, tanto eletroacústica quanto instrumental, com obras publicadas por editoras da Alemanha, Brasil e México e apresentadas em diversos cenários nacionais e internacionais. Premiado com o Prêmio Reina Sofía (Espanha, 2004 e 2009), realizou Estágio Pós-Doutoral no Centro Mexicano para la Música y las Artes Sonoras (CMMAS, 2014/15) e foi Professor Visitante da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM, 2023). É “Cientista do Nosso Estado” da FAPERJ (2022 e 2025). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0187-2911>. E-mail: daniel.quaranta@unirio.br.